

PANORAMA GERAL

Uma visão global da economia brasileira no ano de 1989 permite montar um quadro permeado por luzes e sombras.

As sombras são projetadas do passado pelas dificuldades enfrentadas, durante toda a década de 80, para ajustar os desequilíbrios econômicos, conter o processo inflacionário e reencontrar o caminho do crescimento. Sombras de preocupação são igualmente projetadas do futuro sobre o presente pelas possíveis soluções que podem ser propostas pelo próximo governo. O exemplo argentino e o de outros países latino-americanos, se, por um lado, preocupam devido à semelhança de nossos problemas comuns, por outro, estimulam a pensar sobre nossas diferenças e permitem acreditar num outro futuro para nossa economia.

As luzes de um discreto, mas fundamentado, otimismo brotam do interior da própria economia brasileira e de seu comportamento ao longo da década, de modo especial, no decorrer de 1989. Apesar dos bloqueios colocados, como o esgotamento de suas fontes de financiamento, da desorganização do setor público e dos gargalos da infra-estrutura, bem como da perda de um horizonte de longo prazo e do processo inflacionário crônico, nossa economia tem dado sinais de resistência, de capacidade de adaptação e de vitalidade surpreendentes ao longo da década.

O ano de 1989 é um bom exemplo disso: à beira de uma ruptura hiperinflacionária, a economia deve apresentar um crescimento real do seu produto, uma ocupação quase plena de sua capacidade produtiva e uma recuperação do nível de emprego.

No entanto é patente a fragilidade dessa recuperação, sem que se removam os entraves acima mencionados. Uma nova onda de investimentos produtivos que sejam capazes de sustentar um novo ciclo de crescimento depende do estancamento do processo inflacionário e da reversão das expectativas. Há sinais inequívocos da exaustão dos mecanismos da economia de convivência de um certo crescimento com altas taxas de inflação.

O fracasso sucessivo de três planos de estabilização e de outras tantas medidas desconexas de política econômica revela o caráter estrutural dos problemas colocados pelo esgotamento de um processo de desenvolvimento econômico iniciado na década de 30 e concluído no final dos anos 70. O fracasso continuado da política de curto prazo mostra também que continuarão sem sucesso outros planos de estabilização desvinculados de um novo projeto de desenvolvimento de longo prazo, cujo êxito depende ago-

ra de sua capacidade de promover não somente o crescimento econômico, mas também a distribuição social da renda.

Outros países latino-americanos, como o México e a Argentina, parecem ter desistido de qualquer novo projeto de desenvolvimento e embarcado na solução liberal. O Brasil encontra-se numa encruzilhada de sua história. A solução liberal exigirá a destruição do que resta de suas estruturas estatais e de setores importantes de seu parque industrial. Sua capacidade de resistência, no entanto, ainda não se esgotou. Pelo seu comportamento ao longo da década, é possível acreditar ainda na montagem de um novo projeto de desenvolvimento que atenda, ao mesmo tempo, à necessidade de integração internacional e à de incorporação das massas ao mercado consumidor. Para tanto, seus problemas estruturais precisam encontrar uma solução negociada e não através de uma explosão hiperinflacionária.

A solução de nossos problemas econômicos e sociais através da hiperinflação deixará uma situação de terra arrasada. Será uma solução trágica, mas inevitável na ausência de uma saída civilizada, através da negociação. É o grande teste para o próximo governo que se instalará em março.